

## O discurso sobre as contradições do corpo e do feminino através dos tempos: suas rupturas e permanências

### The discourse on the contradictions of the body and the feminine through the ages: their ruptures and permanences

Silvana Maria de Barros Santos<sup>1</sup>

#### Resumo

*Este trabalho tem como objetivo o estudo do discurso sobre as contradições entre o corpo e o feminino: as rupturas e permanências. Pode-se considerar que os aspectos sociais, históricos e ideológicos influenciam o papel do feminino ao longo do tempo e sua relação com o corpo. A partir dessas questões, este estudo tenta compreender a exposição desse “corpo feminino perfeito” (magro, saudável e jovem) na mídia, por um lado, e, por outro, busca apresentar a problemática física e afetiva de jovens mulheres decorrente dos transtornos alimentares. Um referencial de pesquisa para esse trabalho sobre o discurso do corpo feminino, foi a reportagem da Revista Veja (edição 2.346, ano 46, n. 45, de 6 de dezembro de 2013) que se intitula “A Nova Forma de Magreza: a estética do risco”. Nesse sentido, é interessante analisar, primeiramente, o panorama sobre a história do corpo feminino no Brasil que se evidencia desde sempre essa relação da beleza e feiura como também as contradições entre o sujeito e o corpo que fazem com que haja rupturas das mulheres ao que estar convencionado ou permanências na apresentação da figura feminina sempre assujeitada ao homem ou ao consumo em diferentes épocas. A partir dessas questões, este estudo tenta também compreender a relação entre o feminino e seu corpo não só como um processo de significação ou informação, mas sim uma relação que expressa sujeitos e sentidos afetados pela língua e história, aí está o Discurso. Ele passa a ser uma mediação significativa entre o sujeito, a realidade natural e social, que produz permanência, continuidade, deslocamento e transformação de realidade.*

**Palavras-chave:** Feminino. Corpo. Rupturas. Permanências

#### Abstract

*This work aims to study the discourse about the ruptures and permanences of the female and her body in Brazil. In this sense, it is interesting to analyze, first, the panorama about the history of the female body in Brazil, which has always been evident in this relationship of beauty and ugliness, as well as the contradictions between the subject and the body that cause women to break with what be in agreement or permanence in the presentation of the female figure always subject to man or consumption at different times. Based on these questions, this study also tries to understand the relationship between the feminine and her body, not only as a process of meaning or information, but as a relationship that expresses subjects and senses affected by language and history, this is the Discourse. It becomes a significant mediation between the subject, natural and social reality, which produces permanence, continuity, displacement and transformation of reality.*

**Keywords:** Female. Body. Ruptures. Permanences

**Recebido em:** 13/03/2020.

**Aceito em:** 20/10/2020.

---

<sup>1</sup> Docente na Fundação Educacional Jayme de Altavila/Cesmac. Psicóloga, Psicanalista. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7814-0132>.

## Introdução

A mulher não se constitui pelo sexo feminino biologicamente determinado; ela é singular, possui marcas históricas como resultado da transformação dos papéis femininos ao longo do tempo. Del Priori (2013) considera que há alguns anos a mulher, saiu à rua, deixou a casa, tornou-se visível, sustenta famílias, cuida da alma e do corpo, ama, odeia e consome. Quebrou tabus e tradições, entrou no mercado de trabalho, tomou pílula, queimou sutiã; mesmo que ainda continue subjugada ao homem e convivendo com o aumento da violência doméstica, essa mulher contemporânea se divorcia, assume outras relações heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, constitui rupturas que a ajudaram “a expandir todas as possibilidades, a se fortalecer e a conquistar” (DEL PRIORI, 2013, p. 7).

Mas não só de rupturas vive essa mulher, como afirma Del Priori (2013); ela vive de permanências que apontam fragilidades, provenientes de uma educação machista e patriarcal. Mesmo independente, muitas vezes, sente-se culpada por deixar o filho em casa e ir trabalhar, tentando assim equilibrar-se na tripla jornada de trabalho (mãe, esposa e profissional). Outras vezes, culpa-se pelos quilos a mais que dificultam o ideal de corpo perfeito, cobrado pelos ditames sociais, e, por último, anseia ser aceita pelo outro, mesmo que tenha de adoecer física ou psiquicamente. Nesse sentido, o feminino sempre é submetido a alguém ou a algo como o homem, mídia e sociedade. Enfim, ela deseja o sonho e a realidade, de preferência, de mãos dadas. É o ideal de vida da mulher perfeita.

Pode-se considerar que as permanências e rupturas femininas são muito enfatizadas nas sociedades ocidentais e contemporâneas e um dos pontos femininos mais atingidos é relativo à beleza, por isso iremos focalizar nesse trabalho, essa mulher, de classe média brasileira, preocupada em equilibrar os afazeres domésticos com as conquistas profissionais e a preocupação com os cuidados com o corpo. Nesse caso, os desejos femininos relativos aos bens de consumo são acessíveis para poucas mulheres que tem acesso aos bons produtos de beleza e de estética. O poder aquisitivo feminino faz a diferença e constitui assim uma marca do lugar de cada mulher na sociedade – mesmo que as diferenças sejam, aparentemente, silenciadas pela mídia, porque esta propaga os bens de consumo materializados em roupas de grife, de *fitness* e procedimentos cirúrgicos que podem ser consumidos por todas as mulheres, independentemente de etnia e classe social.

O projeto de vida saudável feminino, o valor da aparência de um corpo magro, musculoso e sua exposição na mídia no século atual não destoam do papel de esposa como suporte da família burguesa e da maternidade. Mesmo sendo contraditórios esses papéis sociais, são representações das vivências femininas e destacam a subordinação da mulher não só ao homem, mas a sociedade e a mídia. Isso se configura como uma produção de sentidos que caracteriza a relação entre a linguagem, o mundo das coisas e a constituição do sujeito. Este sujeito é afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia (MARIANI; MAGALHÃES, 2011).

Essas contradições fazem o estilo de vida feminino. A preocupação com a beleza do rosto e do corpo é mais um item marcado no imaginário da mulher brasileira há muito tempo, só que recentemente esse estilo se acha mais evidente devido à exposição do corpo da mulher na mídia e, também, ao crescimento da indústria de cosméticos e *fitness*. Os concursos de beleza feminina, as conselheiras de beleza que invadiram a imprensa nas décadas de 1950 e 60, juntamente com o discurso higienista tão ativo nos anos de 1920 e

1930 instigaram a noção de corpo como algo a ser cuidado para manter-se saudável. O belo rosto e o corpo bem cuidado constituíram o protótipo da mulher nos séculos XX e XXI (DEL PRIORE, 2013).

Portanto, esse trabalho tem como objetivo tentar compreender essa ambivalência feminina entre rupturas e avanços que se caracterizam mulheres que reivindicam direitos sociais, sexuais e políticos por um lado e, por outro, permanências e fragilidades que constituem o cotidiano feminino, inclusive no item beleza do corpo que será o tema do nosso estudo.

Essas questões relativas à trajetória da beleza do corpo feminino no Brasil têm como suporte a linha da Análise do Discurso, doravante AD, de linha francesa, fundamentada na concepção de Pêcheux, para a compreensão do discurso do corpo. Nesse caso, a escolha do tema se configurou na maneira de problematizar a relação entre o sujeito e o corpo na atualidade, referente à tríade beleza-juventude-saúde.

Diante desse contexto, Bourdieu (1979) enfatiza que as questões do corpo estão relacionadas às questões de classes sociais, porque as classes trabalhadoras aceitam ou não ter capital para deter o processo de envelhecimento ou declínio do corpo enquanto que as classes médias e altas utilizam uma indústria de consumo e pagam por esses procedimentos estéticos para combater o tempo na ilusão de garantir a felicidade. São essas classes sociais (média e alta) responsáveis pelas tendências e estilos de culto ao corpo como consumo.

Dessa maneira, pode-se estruturar o trabalho da seguinte forma: a primeira parte é a Introdução sobre o trabalho apresentado, a segunda parte deste trabalho serão abordados O gênero e o corpo feminino no Brasil, quer dizer, como historicamente a mulher brasileira da época da Colônia, passando pelo Império, a República até os nossos dias pode lidar com o quesito beleza. Na terceira parte serão abordadas As contradições entre sujeito e corpo feminino que considera na contemporaneidade a evidência dessas contradições entre mulher e seu corpo e como essas mulheres sofrem um assujeitamento social e psíquico e, por último, as Considerações finais que propõem a um fechamento sobre a perspectiva da mulher e seu corpo no Brasil através dos tempos, mas enfatizando essa ambivalência entre beleza e feiura que leva a uma tirania de dietas mirabolantes e procedimentos estéticos e cirúrgicos na contemporaneidade.

## **O gênero e o corpo feminino no Brasil**

Biologicamente, ser do sexo feminino é ser o resultado da fecundação entre um óvulo e um espermatozoide que determina o par de cromossomos XX, que define geneticamente esse sexo. Para esmiuçar melhor essas questões biológicas, Boff (2010, p. 37) anota que quando somos embriões, somos andrógenos, porque possuímos a possibilidade de ser do sexo feminino e masculino. O que vai diferenciar é que, na oitava semana, se um cromossomo Y penetrar no óvulo feminino mediante o hormônio androgênio, a definição é masculina e, caso haja ausência desse hormônio, a definição sexual é feminina. Pode-se dizer que a origem básica do bebê no útero é feminina devido à mãe que o nutre e o carrega por nove meses de gestação. Assim, é possível afirmar que os órgãos sexuais masculinos e femininos são feitos do mesmo tecido orgânico (materno), mas ao se desenvolverem, formam os grandes lábios na mulher e a bolsa escrotal no homem.

No que diz respeito às questões sociais e culturais, Safiotti (2015) considera que as relações patriarcais com suas estruturas de poder contaminam toda uma sociedade, do público ao privado. A dominação do homem sobre a mulher resulta de um pacto original que é sexual e social – “isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres –, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres” (SAFIOTTI, 2015, p. 57). Nesses termos, o patriarcado se configura como um poder hierárquico que invade todos os espaços, por meio de uma ideologia que se torna natural na relação de dominação do homem e da exploração da mulher, segundo Pateman (1993)<sup>2</sup>. Isso está relacionado ao sexo, ao trabalho e à vida em sociedade.

Essa configuração ideológica se constitui uma crença até os nossos dias ao considerar a mulher um ser inferior, desprovido de qualquer talento ou pensamento, prevalecendo o poder do homem. Os exemplos são os mais diversos, como a deficiência intelectual – estudiosos afirmavam ser o cérebro da mulher menor que o do homem; a fragilidade feminina representada pelo papel submisso exercido pela mulher; ou até mesmo os fatores religiosos, que pregavam que a mulher deveria ser domesticada por possuir seus demônios internos, como a sedução (KEHL, 1998).

A partir disso, podemos fazer uma relação entre as transformações sociais, históricas e psíquicas que as mulheres vivenciaram ao longo do tempo e as questões sobre a mulher, corpo e sociedade no Brasil. Nessa perspectiva, é importante descrever a história do corpo feminino na sociedade brasileira, pois se faz necessário considerar a mistura de etnias e culturas na América portuguesa, que resultou num tipo de mulher com seu corpo curvilíneo e formas perfeitas, cultuado ainda hoje.

É possível salientar que nos tempos do Brasil Colônia, um fator foi significativo, o qual levou à construção de um padrão de beleza feminina e brasileira. Não se comparava esse padrão ao modelo renascentista da época, pois a “morenice” e a robustez com curvas e ancas grandes representavam a mulher brasileira e firmavam um padrão de beleza feminina que encantava os estrangeiros. Estes descreviam a mulher brasileira como possuidora de belos cabelos lisos e castanhos, olhos de jabuticaba, grandes, escuros, e com um comportamento doce e afável, diferente da europeia branca, magra e loira (DEL PRIORE, 2013).

Esse contraste entre a mulher brasileira e europeia era um quesito significativo, pois a mulher brasileira tinha como referência a beleza europeia, não valorizando os seus atributos estéticos. Era uma constante a mulher no Brasil Colônia tentar almejar essa beleza desejada. Na época, os produtos de beleza provinham de especiarias comercializadas entre o Oriente, a América e a Europa, e tinham como finalidade tratar males físicos, mas podiam beneficiar também a beleza feminina (como os cosméticos). Certos tratamentos de beleza utilizavam excrementos de animais; ao serem cozidos, depurados ou destilados e serviam como produtos de beleza (DEL PRIORE, 2013).

Outro ponto importante no quesito beleza que diz respeito ao feminino, tem como destaque o corpo nu tão caracterizado e retratado pelas “mulatas e índias” brasileiras e que no começo do século XX, cede lugar às vestimentas sensuais das prostitutas francesas e brasileiras retratadas na imprensa carioca, sobretudo num jornal com humor malicioso ou de duplo sentido, como o Rio Nu<sup>3</sup>. A principal característica desse periódico consistia no

<sup>2</sup> A primeira edição é da *Polity Press*, em colaboração com *Blackwell Publishers*, em 1988: *The Sexual Contract*.

<sup>3</sup> Villafior, D. O efeito da leitura, o *Rio Nu*. Surgido como um desprezioso jornal de humor “cáustico”.

chamado “gênero alegre” carioca, direcionado especialmente aos homens, com a “intenção explícita de divertir e excitar sexualmente seus leitores com gravuras e textos caracterizados por seus autores como ‘sugestivos’ e ‘maliciosos’” (SHETTINI apud DEL PRIORE, 2011, p. 317).

O *savoir-faire* carioca, provindo dos tempos da Coroa, traduzia um panorama do Rio de Janeiro alegre e favorável para abordar temas sexuais num contexto de humor malicioso típico da literatura da estética francesa (*Belle Époque*). Nesse contexto, o conteúdo do jornal *Rio Nu* tendia a ser “muito mais social e politicamente conservador que os textos pornográficos do século XVIII” (SHETTINI apud DEL PRIORE, 2011, p. 319). Pode-se dizer que os autores expressavam uma visão hierarquizada das relações sociais, calcada em preconceitos de classes sociais e sexistas. As ilustrações de mulheres expostas nesse periódico são referências às histórias clássicas de pornografia que circulavam na Europa e foram plagiadas. E assim, a mulher se apresenta como um mero objeto para divertimento e excitação sexual para homem por séculos e séculos, onde o corpo nu feminino é sempre explorado como algo pejorativo.

Nos anos de 1960, a Bossa Nova, na voz de Vinícius de Moraes e Tom Jobim, mencionava em suas letras o corpo da mulher brasileira, especialmente a mulher carioca na praia de Ipanema, onde ocorriam os encontros de jovens de uma elite formada por intelectuais e artistas da boêmia carioca. Era um lugar de transgressão cultural; as mulheres posavam com biquínis minúsculos em seus corpos delineados ou revolucionários, como Leila Diniz, atriz, grávida e de biquíni nas areias de Ipanema.

Segundo Goldemberg (2014, p. 44), Leila Diniz “contribuiu para tornar reconhecido e legitimado um modelo de ser mulher que não é só, nem principalmente, esposa e mãe. O corpo de Leila Diniz simbolizou a nova mulher que nascia no Brasil, em meio à repressão, ao controle e à censura política”. Com isso, “[o] reconhecimento que Leila Diniz conquistou está ligado à correspondência entre seus comportamentos afetivos e seus discursos” (GOLDEMBERG, 2014, p. 43). Na Ipanema e Barra da Tijuca de hoje, os estilos de vida sofisticados se tornaram não só ornamentos de beleza como também colaboraram para a existência de melhores procedimentos cirúrgicos e cosméticos, para que a beleza dos corpos e rostos desses lugares seja marcada como celebrações na mídia brasileira.

Maurice Halbwachs (1990) procurou mostrar a importância dos marcos espaciais para a elaboração das memórias de indivíduos e de coletividades. Segundo esse autor, quando um grupo humano vive durante algum tempo em um lugar adaptado a seus hábitos, seus pensamentos são regulados pela sucessão de imagens que representam os objetos exteriores. Por meio dessa noção, o autor demonstra que o espaço representa muito mais do que um dos itens presentes nos pensamentos e nas memórias individuais. É somente porque estão ancoradas em uma referência espacial que as memórias podem se formar (GOLDEMBERG, 2014, p. 59-60).

É interessante constatar que a tirania da perfeição física atualmente é patrocinada pela mídia que ignora que o Brasil é um país mestiço. “Nossos corpos são o resultado de uma longa história biológica em que se misturam índios, negros, brancos de várias procedências, além dos amarelos” (DEL PRIORE, 2013, p. 232). No final do século XX e no começo do século XXI, a beleza brasileira não se definiu só pela “morenidade” e pelo corpo curvilíneo dos tempos da Colônia, e sim ostentando um corpo perfeito, retocado por cirurgias plásticas, cosméticos, suplementos e academias, como também por uma cabeleira

loira artificial em corpos morenos, como uma forma de rechaçar o negro e seguir o padrão branco de beleza (DEL PRIORE, 2013).

### **As contradições entre o sujeito e corpo feminino**

Birman (2012) observa que, na contemporaneidade, os atos do sujeito passam a ser regidos pelo presente, que é inconstante, imprevisível; os resultados não correspondem, muitas vezes, às expectativas esperadas. Esse autor afirma que, nas últimas décadas, iniciou-se uma nova ordem social, política, econômica e cultural que fragmentou o indivíduo e tornou-o centrado em si mesmo. Esse processo de individualismo provocou mudanças no sujeito, no seu modo de agir, pensar e sentir.

Essa fragmentação do sujeito teve como uma das consequências o destaque e a valorização do corpo, pois o corpo passa a ter um papel estético e perfeito a cumprir em relação às formas e aos músculos que o delineiam como existência, moldado por padrões da sociedade espetáculo<sup>4</sup>. É o culto ao narcisismo que exalta essa elevação ou endeusamento do corpo, pois, como conta a lenda de Narciso<sup>5</sup>, ele se apaixonou pela própria imagem refletida no rio. Por isso o narcisismo é traduzido como o amor a si mesmo.

Florêncio *et al.* (2016) ressaltam que sujeitos e corpos, ao se relacionarem num dado momento social e histórico, tendem a reproduzir discursos que já foram falados, esclarecidos, julgados de várias maneiras em outras épocas e são recorrentes a partir de várias visões de mundo e diferentes pontos de vista. Assim, é possível considerar, segundo Orlandi (2012, p. 83), que o corpo não pode ser pensado sem o sujeito e sua materialidade. E como interligar sujeito, corpo e materialidade discursiva?

Nos dias atuais, as referências para essa interligação se baseiam nas contradições sociais, políticas e econômicas que influenciam um consumo desenfreado, em que tudo passa a ser uma mercadoria a ser valorada e consumida, fazendo com que o sujeito e o corpo sejam atravessados pela ideologia e o inconsciente em formações discursivas produzidas e determinadas num dado momento e lugar. Essas formações discursivas se configuram, atualmente, no discurso midiático que, através das práticas sociais, passa a produzir efeitos de sentido. Um exemplo são as modelos blogueiras que expõem corpos turbinados em seus *blogs* e postam fórmulas mágicas de dietas, exercícios físicos, como também ditam costumes e moda e, dessa forma, atraem milhares de seguidores, especialmente mulheres.

Pode-se dizer que, com o tempo, o desenvolvimento da indústria de serviços surge e ganha robustez numa economia global que contribui para essa transformação no estilo de vida do sujeito. Nesses termos, a centralização é a satisfação pessoal, o prazer individual que faz crescer o consumo, passando o corpo a ser um símbolo de representação não só econômica, mas social e cultural. O corpo se torna um signo de *status* que valoriza o estético, mas nega o envelhecimento e as doenças físicas e psíquicas.

<sup>4</sup> Sociedade espetáculo – os registros do olhar, da visibilidade, da cena de exibição se destacam na configuração de novas modalidades de sociabilidade (DEBORD, 1973).

<sup>5</sup> Lenda de Narciso – segundo Ovídio, Narciso era um rapaz plenamente dotado de beleza. Dias antes de seu nascimento, seus pais resolveram consultar o oráculo. A revelação do oráculo foi que ele teria uma longa vida, desde que nunca visse seu próprio rosto.

Nesse sentido, recorremos a reportagem de capa da Revista Veja (edição 2.346, ano 46, n. 45, de 6 de dezembro de 2013) que se intitula “A nova forma da magreza: a estética do risco” que descreve a história das blogueiras citadas e de seus seguidores. Essas jovens são denominadas de influenciadoras digitais, por manterem diários na rede, ditando regras sociais e postando fotos e modos de vida para as pessoas que se vinculam aos seus perfis nos blogs e no Instagram. O tema central na reportagem citada da revista Veja, nos *blogs* e Instagram das supermodelos, é a obsessão por um corpo magro e musculoso, e como pauta diária os produtos a serem comercializados/consumidos e os conselhos para se alcançar o objetivo proposto, o qual requer investimentos físicos e financeiros vultosos.

Primeiramente, é importante considerar a rápida veiculação das postagens dessas modelos famosas que vivenciam em seus *blogs* e ganham dinheiro ao emprestar seus nomes para divulgar roupas, produtos de beleza ou comparecer aos eventos. Segundo, ao cultuar corpos definidos e esculpidos, ao tornar esses corpos torneados e magros, estimula-se, na verdade, o consumo de produtos e serviços relacionados ao comércio *fitness*; e, terceiro, ao tempo que há novas formas de magreza propagadas pela mídia, a relação sujeito e corpo se torna contraditória pelas transformações ocorridas na sociedade atual, pois além da construção de novos valores, ideais imediatistas presentes nos avanços tecnológicos e sociais que proporcionam um melhor cuidado com a saúde e o corpo, verifica-se aumento desenfreado dos distúrbios alimentares entre jovens e adultos.

O título da capa da Veja é relevante e composto por uma primeira e uma segunda reportagens. Apresenta assim um contraste, pois a primeira reportagem destaca o corpo musculoso e magro como fetiche de consumo, com a apresentação das supermodelos, enquanto as consequências sociais e psíquicas estão na segunda parte. Hernandez (2000) acrescenta que as manchetes secundárias da Veja, no caso as reportagens que abordam as consequências sociais e psíquicas, tendem a ter um destaque bem menor do que a matéria que aborda o tema da capa.

No que diz respeito ao corpo feminino magro, saudável e jovem, pode-se dizer que a exposição das imagens das blogueiras em redes sociais não se constitui como algo que seja humano ou estético, e sim, de mercado, pois o corpo passa a ser uma mercadoria à venda, por seu valor social e simbólico como capital físico que detém um discurso que caracteriza um estilo de vida numa sociedade de consumo.

Figura 1:Capa Veja





Fonte: Revista Veja (edição 2.346, ano 46, n. 45, de 6 de dezembro de 2013)

Enquanto as influenciadoras digitais (blogueiras) ditam normas e regras, como também anunciem produtos para as consumidoras ficarem com um corpo magro, turbinado e sempre belas, há mulheres jovens que não se enquadram nos moldes de um corpo magro e perfeito. Essas jovens se acham gordas, mesmo estando bem magras ao se olharem no espelho. É o que chamamos de distorção corporal, que pode ser proveniente de uma insatisfação com a imagem corporal associada à baixa autoestima e ao aparecimento das perturbações alimentares, especialmente bulimia e anorexia. Essas jovens que sofrem esses transtornos não fazem uma distinção entre a imagem do corpo real e a imagem do corpo ideal. Elas brigam todo tempo com a imagem distorcida que reflete o quanto são gordas e impõe a necessidade de emagrecer (CUNHA, 2014). Desejam ser magras e admiradas, mas inconscientemente, sua magreza pode representar uma revolta por não terem o corpo perfeito e delineado ou até mesmo uma resistência em não seguir os ditames sociais.

As questões relacionadas ao corpo na atualidade concernem à constituição de um sujeito histórico/ideológico/psíquico que concretiza os efeitos de sentido do discurso. Esse sujeito se inscreve no histórico, num processo simbólico afetado pela ideologia e o inconsciente, que constitui o discurso e cuja materialidade é a língua, com as possíveis e inúmeras interpretações. Nesse contexto, as formações discursivas são provenientes de formações ideológicas que sedimentam essa relação entre língua e discurso. Florêncio *et al.* (2016, p. 69) assevera que a relação entre o sujeito e a sua história abre um espaço aos discursos “que põem à mostra as posições em que os sujeitos se colocam/são colocados”.

Para a AD, é importante frisar que o corpo surge como novas formas de assujeitamento por estar relacionado com o modo de se ver o sujeito, sua historicidade e cultura. “Podemos nos arriscar a dizer que o corpo seria o lugar de simbolizações onde se marcaríamos os sintomas sociais e culturais desses equívocos tanto da língua quanto da história” (FERREIRA, 2013, p. 78).

Nesse sentido, é preciso remeter-se ao modo de produção capitalista para compreender essa relação entre corpo e consumo. Vale lembrar que a força de trabalho de cada indivíduo é o que ele tem de mais essencial como humano e que isso reflete na sua capacidade de produzir o desenvolvimento humano. É preciso compreender que o valor



humano dado às atividades intelectuais ou materiais de produção do indivíduo constitui uma “força de trabalho que é negada pelo capital ao reduzi-lo a simples mercadoria”. Marx e Lukács denominam esse processo de reificação ou coisificação (TONET, 2014, p. 40).

Marx (1818-1883) anota que “as mercadorias são coisas puramente sociais e sua forma de valor deve, portanto, reverter em uma forma de valorização social” (MARX, 2016, p. 58). No tocante ao corpo, ele se tornou uma mercadoria por representar um valor social e simbólico como capital físico que detém um discurso de exploração como corpo trabalhador na modernidade. Nos dias atuais continua essa exploração, só que representada por um estilo de vida, um ícone de consumo que faz a indústria da beleza prosperar.

Pode-se considerar que “o efeito básico do processo da mais-valia, Marx nomeou de fetichismo da mercadoria” (MAGAHÃES, 2017, p. 2). Na contemporaneidade, esse papel cabe ao corpo, no contexto de uma sociedade de consumo. Dessa forma, “os corpos tornam-se objetos a serem comprados e vendidos de acordo com a moda” (CUNHA, 2014, p. 73). Por um lado, as supermodelos tendem a produzir ou construir esse corpo ideal (magro e musculoso) para ser vendido através da vigilância do peso, dos exercícios intensos na academia, enfim, de uma disciplina espartana para se promoverem socialmente, expondo o corpo esculpido na internet; por outro lado, há o consumidor ou seguidor que tenta saciar seus desejos com a compra de mercadorias que possam promovê-lo ao estilo de vida ditado pela indústria da moda e da estética.

Não se pode esquecer que na modernidade, com a descoberta da psicanálise, a escuta freudiana contribuiu para nomear e entender o mal-estar que afligia as mulheres e seus corpos, que se contorciam para expressar a angústia vivida. Para Freud, a importância do seu legado sobre a feminilidade concentrou-se no falocentrismo<sup>6</sup>, na mulher castrada que precisava de um parceiro ou de um filho para se sentir completa, correspondendo assim ao ideal estabelecido socialmente na modernidade.

Pode-se afirmar que o mundo ocidental se transformou desde o século XX. A mulher mudou o seu papel da sociedade, mesmo que a maioria ainda esteja subjugada ao machismo. A falta fálica tão mencionada na castração feminina nas concepções freudianas, na vivência do Complexo de Édipo, não se restringe, nos dias de hoje, a mulher ter como complemento só o homem, mas dos mais variados substitutos. O corpo feminino pode ser um desses substitutos, pois é possível que essa relação entre corpo e mulher se constitua como uma forma narcísica de viver. Assim, ao se considerarem belas, podem amar a si mesmas e ao seu corpo com uma intensidade similar à do amor dos homens por elas. O corpo passa a ser cultuado por essas mulheres e ornamentado com grifes de roupas, sapatos, cosméticos e intervenções cirúrgicas como se fosse um prolongamento de sua identidade.

No entanto, essas mulheres descritas acima são representantes da classe média brasileira. Muitas vezes, têm uma jornada tripla de trabalho e não se acham no parâmetro fálico-castrado, em que precisam de um homem para completá-las, pois são mais instruídas, reivindicam seus direitos, assumem mais sua sexualidade e suas escolhas na vida; porém continuam reféns, não propriamente só dos homens, mas do consumo. É necessário um investimento alto para cultivar o corpo.

---

<sup>6</sup> Falocentrismo – a centralização do falo como constituinte psíquico (LAPLANCHE, 1967, p. 225).

## Considerações finais

Falar da feminilidade, nos dias de hoje remete às condições contraditórias que a mulher vivencia através dos tempos em relação ao seu sexo, corpo e psique. São as contradições vividas por ela que fazem com que essas categorias sofram a interdição da cultura que resulta na construção social, histórica e psíquica que demarca um lugar feminino no mundo.

Del Priori (2000) argumenta que a história das mulheres na atualidade passa pela história dos seus corpos, pois enquanto as avós se preocupavam em salvar as almas, as mulheres de hoje querem salvar seus corpos da rejeição social e das tormentas da balança e do espelho para não tentar adoecer. Portanto, essa constituição da psique feminina é representada em sua maioria como se algumas mulheres vivessem uma situação em que o corpo se constitui como um prolongamento de sua identidade e que tem como regra uma ornamentação com grifes de roupas, sapatos, procedimentos cirúrgicos e cosméticos e que podem apontar para a dificuldade feminina em lidar com a feiura, as formas desproporcionais e o envelhecimento, pois o que vale é a tríade beleza-juventude e saúde.

Dessa forma, essas contradições se projetam sobre o corpo feminino como uma representação estética na contemporaneidade, um ícone do consumismo e da exposição midiática que se revela na apresentação de uma mulher magra e musculosa, devido aos exercícios nas academias, à alimentação *light* e aos suplementos que são parte do processo.

Portanto, o corpo feminino é visto como um capital, um investimento que requer tempo, energia e dinheiro para “moldá-lo” como um projeto a longo prazo, a fim de enfrentar um inimigo cruel: a ação do tempo. Enlouquecidas com essa constatação, a partir da determinação sócio-historicamente de que devem assumir o discurso do consumo estético, as mulheres procuram consumir todo produto que as deixe jovens, belas e magras, sem as marcas do tempo nem os excessos de gordura que devem ser apagados para a existência desse corpo perfeito. Mas ficam as marcas da alma, das falhas, da falta, que constitui um mal-estar permanente, um vazio existencial da vida.

Pode-se dizer que a relevância deste trabalho encontra-se no fato de que é preciso compreender o efeito de sentido do discurso sobre as contradições entre o corpo e o feminino. Na atualidade, as mulheres conseguiram alguns direitos, quebraram alguns tabus, têm uma maior liberdade sexual do que suas antecessoras como também se acham donas do seu corpo, mas esquecem que com toda a independência financeira e melhor instrução, ainda são submetidas ao homem, a sociedade e a mídia. Nesse sentido, as rupturas foram poucas entre a mulher e a sociedade e as permanências são muitas e arraigadas a um assujeitamento.

Os estudos sobre essa questão são amplos e não se esgotam aqui. Foram subsidiados pela AD Francesa, que abrange os aspectos sociais, ideológicos, psicanalíticos e linguísticos; estes se configuram como uma mediação necessária entre o homem e sua realidade social. Essa mediação é o discurso que representa o lugar onde se pode relacionar língua e sujeito e suas produções de sentido num dado momento histórico (ORLANDI, 2013). No que diz respeito às limitações existentes neste trabalho, ressalta-se a relativa às referências bibliográficas concernentes ao corpo feminino, ao consumo e ao adoecimento físico e psíquico nos estudos da Análise do Discurso.

## Referências

- ALVES, A. L. Configurações Contemporâneas da Feminilidade: um olhar psicanalítico. **Perspectivas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 35-37, 2015.
- BIRMAN, J. (Org). **Feminilidades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.
- BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CUNHA, M. J. **Corpo e Imagem na Sociedade de Consumo**. Lisboa: Clássica, 2014.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 1967 [versão digitalizada]. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html>. Acesso em: 19 jun. 2013.
- DEL PRIORE, M. **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: EdUNESP, 2011.
- DEL PRIORE, M. **Histórias e Conversas de Mulheres**. São Paulo: Planeta, 2013.
- FREUD, S. Três Ensaio sobre a Sexualidade. *In: Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1905. v. XVI. (Edição Standard Brasileira).
- GOLDEMBERG, M. **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- KEHL, M R. **Deslocamento do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- KRISTEVA, J. **As novas doenças da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- LACAN, J. O Seminário, livro XX: **Mais ainda [1972-1973]**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- LESSA, S; TONET, I **A introdução à Filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.
- MAGALHÃES, B. O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário. **Revista em (Dis)curso**, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Unisul, v. 3, número especial, Santa Catarina, Editora Unisul, 2003.
- MAGALHÃES, B. **As marcas do corpo contando a história: um estudo sobre a violência doméstica**. Maceió: Edufal, 2005.
- MAGALHÃES, B. **Ideologia e Inconsciente: mais-valia e mais gozar**. Maceió: Edufal, 2017.
- MARX, K. **O Capital**. 3. ed. Bauru: Edipro, 2016.
- MINERBO, M. O tédio e a clínica do vazio. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 51, n. 3, 53-63, 2017.
- MURARO, R.; BOFF, L. **Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro**

das diferenças. Rio de Janeiro: Record, 2010.

PATEMAN, C.. **O Contrato Sexual**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra., 1993.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud**: na sua época e em nosso tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SAFIOTTI, H. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SANTANA, D. B. de. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SCHETTINI, C. O que não se vê: corpos femininos de um jornal malicioso. *In*: DEL PRIORI, M.; AMANTINO, M. (Org.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: EdUnesp, 2013.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.